

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Curso de Especialização Formação de Intérprete de Conferências

A preparação do intérprete para conferências

Denise de Vasconcelos Araujo

Professora Sílvia Beatriz Alexandra Becher Costa

Denise de Vasconcelos Araujo

A preparação do intérprete para conferências

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do diploma do curso de Especialização Formação de Intérprete de Conferências da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Professor orientador

Profa. Sílvia Beatriz Alexandra Becher Costa

Rio de Janeiro – RJ

26 de maio de 2011

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela certeza de que é nEle que eu vivo, me movo e existo.

Ao Zinho, pelo grande apoio à minha profissão e por sempre tentar me lembrar da importância da disciplina na redação desta monografia. Eu te amo.

À professora Silvia Becher, pelo carinho e incansável trabalho de orientação.

Aos colegas intérpretes que dedicaram tempo para responder ao questionário durante seu período de férias.

RESUMO

Este trabalho discute a importância da preparação do intérprete para o exercício da sua profissão. O objetivo do trabalho é entender melhor o papel da preparação para o intérprete, o que esta preparação envolve e os métodos de preparação utilizados pelos intérpretes. Para tal, foram realizados dois levantamentos principais: uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, que estabelece a fundamentação teórica deste trabalho, e uma pesquisa em forma de questionário com os profissionais do mercado do Rio de Janeiro. O texto é composto por uma introdução, situando o tema dentro do campo da interpretação, seguida por capítulos e seções que apresentam a importância da cultura geral, a preparação para eventos específicos, o estudo do assunto e elaboração de glossários e a influência da preparação ao lidar com alguns modelos teóricos em interpretação, como o modelo de esforços e o de disponibilidade linguística. No quarto capítulo será apresentada a análise dos dados coletados através dos questionários. A conclusão revela que, apesar de não garantir um excelente desempenho e a certeza de um bom trabalho, a preparação é um fator do trabalho do intérprete que pode ser controlado inteiramente por ele. Por este motivo, uma preparação abrangente e cautelosa fornece ao intérprete uma base a partir da qual poderá lidar com quase todas as variáveis de seu trabalho.

Palavras-chave: preparação do intérprete; métodos de preparação; terminologia; estudo prévio.

ABSTRACT

This paper will concentrate on the importance of the interpreter's preparation for his professional practice. The purpose of this paper is to better understand the role of preparation for the interpreter, what it demands and the study methods used by interpreters. To meet these goals, two main activities were undertaken: a survey of the literature on the subject, which lays the theoretical foundation for this paper and a research in the form of a questionnaire with professionals that work in Rio de Janeiro. The paper starts with an introduction, which contextualizes the topic in the field of interpreting; this will be followed by chapters and sections that discuss the importance of general culture, preparing for specific conferences, the study of the conference subject matter, glossary preparation and the influence that the interpreter's preparation has on two theoretical models of interpretation, the efforts model and the gravitational model of linguistic availability. In the fourth chapter, the data gathered by means of the questionnaires will be presented. The conclusion of this research is that even though preparation does not guarantee excellent performance and the assurance of having done a good job, it is a factor of the interpreter's work that can be controlled entirely by him or her. For this reason, a thorough and careful preparation provides the interpreter with a firm foundation based on which he or she will be able to cope with most of the variables of the interpreting task.

Key-words: Interpreter's preparation; preparation methods; terminology; previous study.

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. A preparação e a tarefa da interpretação	11
2.1 Preparação específica para o evento	12
3. Preparação feita com antecedência e a internet	15
3.1 Preparação de última hora e durante a conferência	17
3.2 Terminologia e preparação de glossários	18
4. A preparação e dois modelos em interpretação	20
4.1 Preparação e antecipação no modelo de esforços de Daniel Gile	20
4.2 Preparação e o modelo gravitacional de disponibilidade linguística	21
5. Metodologia	24
6. Análise de dados	25
6.1 Perfil dos respondentes	25
6.2 Definição da preparação	26
6.3 Línguas de trabalho e preparação	27
6.4 Métodos e fontes de preparação	28
6.5 Antecedência da preparação	33
6.6 Preparação e desempenho	35
7. Conclusão e Considerações Finais	38
Referências Bibliográficas	44
Apêndice 1: Questionário	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Idade	25
Tabela 2: Formação Acadêmica	25
Tabela 3: Tempo de exercício profissional	25
Tabela 4: Quais elementos utiliza para manter suas línguas de trabalho? Crê que isso faz parte da preparação?	27
Tabela 5: Como desenvolveu o seu jeito de se preparar? Aprendeu com alguém?	28
Tabela 6: Quais são suas fontes de pesquisa para a preparação?	29
Tabela 7: Ao consultar a internet buscaram (marcaram mais de uma opção)	30
Tabela 8: Em relação à afirmação acima você:	31
Tabela 9: Pergunta 12b Há outros fatores importantes, além da preparação, que interferem no seu desempenho?	35

INTRODUÇÃO

Why not the best? Esta frase foi mencionada pelo Professor André Bekenn, coordenador do curso de Especialização Formação de Intérprete de Conferências da PUC-Rio, no segundo semestre de aula da turma 2007-2008 do curso de Formação de Intérpretes. A frase na verdade se tornou famosa por ter sido enunciada pelo ex-presidente norte-americano Jimmy Carter. Quando se formou na Academia Naval, Carter se inscreveu para o programa submarino nuclear da Marinha norte-americana. Na ocasião o seu entrevistador foi o Almirante Hyman Rickover. Durante a entrevista o almirante perguntou a Carter qual havia sido sua posição na turma da Academia Naval. Carter então respondeu: “Minha posição foi a número 59, de um total de 820 alunos”. O Almirante então perguntou: “E você fez o seu melhor?”. O presidente Carter quase respondeu que sim, mas percebendo com quem estava falando disse: “Não, senhor.”. Em resposta a este “não”, o Almirante disse “E por que não?”. Esta experiência marcou tanto o presidente que ele escreveu um livro que tem por título “*Why not the best?*”.

O objetivo do Professor André ao contar esta história era motivar a turma a sempre dar o seu melhor em sala de aula e conseqüentemente em cabine. Em que consistiria este “dar o melhor” durante o curso? Na maioria das vezes, na preparação para as aulas. Durante o curso, das quinze disciplinas obrigatórias, nove são de prática de interpretação. Para o aluno, tudo é novo e obviamente, não é esperado dele um desempenho profissional quando ele faz essas práticas. O que é esperado é que ele se prepare para as aulas. Se o professor divulga no dia anterior o assunto da prática do dia seguinte, o aluno tem a obrigação de estudar. Se receber um glossário específico ele deve estudá-lo e tirar suas dúvidas antes do início da prática. É importante lembrar que esta preparação pode e deve ser feita de maneiras diferentes, cada um deve desenvolver a sua própria maneira. Contudo, ela deve ser feita da melhor forma possível. Por isso, em um dia em que estava insatisfeito com o desempenho dos

alunos, o Professor André decidiu contar esta história. Por que vocês não fizeram o seu melhor?

Esta história foi marcante para mim porque quando entrei no mercado de trabalho, percebi na prática o quanto os professores estavam certos ao enfatizarem para nós a necessidade de nos prepararmos de forma excelente para os eventos. Há muitos fatores que o intérprete não pode controlar no seu trabalho. Apesar de possuir fluência nas línguas do evento no qual trabalhará, a cada dia estará num local diferente, a não ser que esteja empregado em uma organização internacional, falando sobre assuntos diversos e interpretando oradores com os quais nunca teve contato. Ainda há outras possíveis variáveis em cada dia de trabalho - qualidade do som, parceiro de cabine, sotaque do orador, velocidade de fala dos oradores e participantes. Pensando no estresse que a falta de controle sobre todas estas questões causa, a preparação é algo constante e controlável. Depende exclusivamente do intérprete.

Em condições ideais, o intérprete saberá o assunto específico da conferência, por mais amplo que seja (ex: Medicina: cardiologia), podendo assim realizar a sua pesquisa individualmente. E diante de todas as variáveis, a preparação deve ser a mais intensa possível, pois esta proporciona uma base a partir da qual o intérprete poderá lidar com tais variáveis.

Este trabalho tratará da importância da preparação, considerada crucial para um bom desempenho do profissional. “Se assegurar as condições de trabalho adequadas é o primeiro pilar da qualidade na interpretação, o segundo é a preparação diligente do intérprete¹”, lê-se no Guia Prático para Intérpretes de Conferência Profissionais da AIIC, Associação Internacional de Intérpretes de Conferência.

A preparação para as conferências onde trabalhará auxilia o intérprete em sua capacidade de falar como os profissionais daquela área específica. Valerie Taylor-Bouladon aborda esta capacidade em seu livro *Conference Interpreting: principles and practice*: “Eles precisam falar como médicos, cientistas, advogados ou físicos –

¹ Practical Guide for Professional Conference Interpreters, disponível em <http://www.aiic.net/ViewPage.cfm/page628.htm>, acesso em 18 fevereiro 2011.

isso se chama registro. Precisam ser convincentes quando interpretarem radioastronomia, cardiologia ou anestesiologia e precisam pronunciar todo tipo de vocabulário científico com facilidade e fluência.”(TAYLOR-BOULADON, 2007 p.47, tradução minha²). Para realizar um bom trabalho e ser os ‘camaleões’ que os ouvintes esperam, intérpretes devem estar bem preparados, conhecendo o assunto sobre o qual vão interpretar e com a terminologia na ponta da língua.

Decidi pesquisar sobre este assunto por ser uma questão óbvia à primeira vista, mas cheia de questões subjacentes. Não há discussão sobre a importância da preparação para a tarefa da interpretação. Mas qual deve ser a ênfase: preparação terminológica ou extralinguística? A cultura geral influencia na preparação para o trabalho? Como é que se desenvolve o método de preparação? A preparação só ocorre antes do evento? Qual o papel da internet na preparação? A preparação interfere na qualidade da interpretação? Quais são as fontes de pesquisa do intérprete quando se prepara? O assunto da conferência influencia a preparação? A experiência do intérprete faz com que ele se prepare melhor? Estas e outras questões são abordadas por alguns teóricos da interpretação como Daniel Gile e Jean Herbert, mas como é que os próprios intérpretes vêem estas questões?

Para entender melhor e responder a estes questionamentos surgiu o desejo de realizar este estudo, buscando o que a literatura da área aborda sobre este assunto e a opinião e prática dos profissionais, através de um questionário.

O objetivo do trabalho é entender melhor o papel da preparação para o intérprete, o que esta preparação envolve e os métodos de preparação utilizados pelos intérpretes. A metodologia incluiu um levantamento da literatura a respeito da preparação e sua importância para a interpretação e, ao mesmo tempo, a verificação da visão e experiência dos profissionais no mercado do Rio de Janeiro. As considerações e conclusões serão feitas com base na fundamentação teórica e análise interpretativa dos questionários dos respondentes.

² Todas as traduções a partir do inglês e do espanhol apresentadas no texto foram feitas pela autora da monografia. Quando não for este o caso, será feita referência ao tradutor.

Creio que o estudo será útil para a área em muitos aspectos. O estudo pode auxiliar alunos de interpretação e novos intérpretes a entenderem a importância da preparação e no que ela contribui para o exercício da profissão. Além disso, pode ser um interessante recurso para os intérpretes entenderem a relação que existe entre a preparação e a tarefa da interpretação, lembrando-os da importância da preparação para lidar com todas as variáveis da prática profissional. Finalmente, creio que a análise de dados dos questionários fornecerá, tanto para alunos e professores da área quanto para profissionais atuantes no mercado, um quadro de informações, revelando o que os intérpretes em atuação pensam a respeito da preparação e sua influência no desempenho da profissão.

2

A PREPARAÇÃO E A TAREFA DA INTERPRETAÇÃO

A tarefa da interpretação de conferências exige lidar com muitas variáveis. Conforme abordado na introdução, todos os dias de trabalho do intérprete são compostos por elementos incontroláveis, desde o parceiro de cabine até o local da conferência. Nada é constante. Além disso, devido à complexidade e esforços paralelos (ouvir, entender, formular, falar), especialmente na modalidade simultânea, ela é descrita por alguns profissionais como uma atividade de “gestão de crise” permanente (GILE, 2009, p.191). Sob esta perspectiva, a preparação para a interpretação se apresenta como um recurso muito valioso para que o intérprete tenha um bom desempenho. Ela pode amenizar estas tensões por localizar o intérprete no assunto e na terminologia da conferência. Jean Herbert afirma no seu clássico *The interpreter's handbook* que, apesar da preparação não garantir um desempenho excelente no evento, ela influencia em grande parte a qualidade da interpretação (HERBERT, 1952, p.21).

A preparação auxilia o intérprete a antecipar a direção de discursos e a reação do público. Se o intérprete está numa conferência de um certo partido político e pesquisar sobre o partido, sua história e estiver atualizado quanto aos últimos acontecimentos, ele saberá o que esperar do orador e do público. Nesta mesma linha, Herbert acrescenta que, durante a preparação, conhecer as opiniões e a perspectiva do orador em questão também pode ajudar a evitar traduções erradas. Esta preparação também ajuda o intérprete a conhecer o vocabulário do evento em questão (HERBERT, 1952, p.23).

Até as informações mais gerais possibilitam ao intérprete se preparar: local do evento, nome e assunto do evento (AIS,1994, p.4). Ángela Collados Ais, em seu artigo *La comunicación no verbal y la didáctica de la interpretación*, fala da importância da preparação para que o intérprete entenda a comunicação não-verbal do orador e do público, tão importante para a prática da interpretação. A comunicação

não-verbal é tudo que compõe o discurso do falante, com exceção das palavras: sua postura, tom de voz, expressões faciais, gestos (AIS, 1994, p.3).

Para Ais, a compreensão destes elementos é crucial para que o intérprete tenha um bom desempenho. Seu artigo aborda justamente as diferenças na interpretação de um mesmo discurso verbal feito com três formas de comunicação não-verbal distintas (AIS,1994, p.24). Defendendo sua posição, a autora declara:

[...] não é exagero afirmar que um intérprete,

- que não perceba e compreenda estes comportamentos terá uma imagem distorcida ou inexata da situação na qual ocorrerá o próprio discurso que terá que interpretar;
- que não faça bom uso dos elementos não-verbais, poderá desvirtuar sua própria interpretação, na medida que não transmitirá corretamente o discurso original ou acabará por sobrepor informações negativas acerca da sua própria personalidade ou estado de ânimo (AIS,1994, p.3).

O intérprete de conferências estará apto a perceber, compreender e utilizar estes elementos se estiver bem situado no assunto da conferência, na biografia dos oradores, na relação que permeia orador e ouvintes e no que será tratado na conferência (agenda do dia, apresentações ou discursos dos oradores). Toda esta contextualização ocorre durante o estudo do intérprete para o evento, assunto que será tratado nas próximas páginas.

2.1

Preparação específica para o evento

Daniel Gile, em seu livro *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*, dedica um capítulo inteiro à preparação. É o capítulo 6, intitulado 'Aquisição de conhecimento para um trabalho específico'. O fato de ter separado um capítulo integral de 23 páginas demonstra a importância que Gile confere a este assunto. A preparação do intérprete para as conferências onde vai trabalhar é abordado por Daniel Gile no livro citado a partir de diversos ângulos. Gile cita alguns autores como Barbara Folkart e Kourganoff, que afirmam que o intérprete ou tradutor deveria ter uma competência ou conhecimento igual ao do especialista que escreveu o texto que ele está traduzindo. Gile não concorda com isso. Ele não crê

que seja necessário que o intérprete possua um conhecimento tão aprofundado dos assuntos (GILE, 2009, p. 129); ao mesmo tempo, Gile afirma que a base de conhecimento do intérprete não é suficiente para lidar com toda a especialização que as conferências onde trabalha exigem; logo, a aquisição de conhecimento para ocasiões específicas é um dever do profissional da área. Até porque, “intérpretes possuem um amplo espectro de conhecimento, mas não podem ser especialistas em todos os assuntos” (TAYLOR-BOULADON, 2007, p.177). Por mais cultura geral que um intérprete possua, não será suficiente para que ele esteja adequadamente preparado para interpretar uma conferência sobre empresas farmacêuticas do ramo veterinário.

Ainda assim, a cultura geral possui um lugar de destaque. Afinal, quanto mais bagagem cultural o intérprete possuir, mais fácil será para ele interpretar assuntos variados e estar preparado para lidar com: oradores de culturas diferentes, imprevistos como mudança do assunto onde se está escalado para trabalhar, acompanhamentos de personalidades em geral que abordam tópicos da atualidade, discursos políticos, que muitas vezes são feitos de improviso, entre outros. Como afirma Jones: “As mesmas competências básicas sempre serão exigidas, mas o intérprete possui um campo de trabalho muito vasto e deve, portanto, possuir conhecimento geral amplo e ser curioso intelectualmente, sempre buscando aumentar o seu conhecimento geral.” (2002, p.9)

Esta deve ser uma busca constante do intérprete: desafiar seu conhecimento geral, aumentar seus interesses por assuntos relativamente desconhecidos e estar sempre em contato com o mundo à sua volta. De novos sistemas implantados na cidade até a última crise política no Oriente Médio, o intérprete precisa manter-se informado e atualizado.

O intérprete deve se permitir ser inspirado pelas palavras de Jean Herbert, um dos pioneiros da interpretação consecutiva na Liga das Nações e um dos primeiros intérpretes da Organização das Nações Unidas. Explicitando sua opinião sobre a importância da cultura geral do intérprete, Herbert nos adverte que

O intérprete ideal seria uma enciclopédia viva, constantemente atualizado com tudo que é dito e feito em todas os tipos de atividade humana [...] intérpretes deveriam ter conhecimentos profundos em áreas que são frequentemente abordadas em conferência: história contemporânea, geografia política e econômica, direito civil, comercial, constitucional, economia, técnicas orçamentárias, comércio internacional, procedimentos parlamentares, organizações internacionais. (HERBERT, 1952, p.23 e 24)

Parece um nível de exigência extremamente alto, mas deve servir de estímulo ao profissional, pois é algo que trabalha a favor do próprio intérprete. Se estiver familiarizado com a maioria, senão todas estas áreas, o intérprete raramente será pego de surpresa e se sentirá mais confiante para interpretar. Defendendo a importância da cultura geral, ainda assim, não se pode esquecer da necessidade de preparação específica para cada evento. No capítulo 6 de seu livro, Gile divide o processo de aquisição de conhecimento para um evento em três etapas: preparação feita com antecedência, preparação de última hora e preparação durante a conferência.

PREPARAÇÃO FEITA COM ANTECEDÊNCIA E A INTERNET

Durante a preparação com antecedência o intérprete usa documentos da conferência (apresentações de Power Point, discursos, texto ou trabalho acadêmico do orador), geralmente solicitados pelo organizador aos próprios oradores ou aos dirigentes da conferência. É importante que o intérprete estude os documentos com cautela e que esteja familiarizado com os termos utilizados em suas respectivas línguas de trabalho. Isso se tudo ocorrer nas condições ideais, i.e. se os documentos da conferência forem entregues ao intérprete com certa antecedência. Mesmo sem receber o material, o intérprete deve se esforçar para encontrar documentos que o ajudem a qualificar-se para aquela conferência específica.

Esta é a razão pela qual nos últimos anos a disseminação da internet assumiu um papel vital na preparação dos intérpretes. A abrangência de informações que a internet apresenta facilita muito ao intérprete reunir as informações de que precisa para estudar para uma conferência. Uma pesquisa em um motor de busca como o *Google* com o nome do evento possibilita ao intérprete levantar informações sobre o orador, os participantes e às vezes até obter o programa e resumos dos trabalhos que serão apresentados nas línguas do evento.

Dependendo da situação, a internet inclusive possibilita encontrar palestras do orador gravadas em um site de compartilhamento de vídeos como o *Youtube*. Há casos nos quais o intérprete consegue as informações antes que o organizador as obtenha do cliente e pode iniciar o estudo mesmo sem o recebimento “oficial” do material pelos canais usuais.

Por ser algo recente (últimos 10 a 15 anos), há poucos estudos relacionados à mudança nos modos de preparação por causa da presença da internet. Jungwha Choi, intérprete e pesquisadora coreana, decidiu fazer uma pesquisa em 2004 com intérpretes de coreano, para saber mais sobre o papel da internet no trabalho de

preparação dos intérpretes. No artigo *Qualité et préparation de l'interprétation. Évolution des modes de préparation et rôle de l'internet*, publicado em 2005, ela apresenta os resultados e conclusões.

A pesquisa de Choi foi baseada na combinação linguística dos entrevistados e é relevante mencionar algumas de suas descobertas. A combinação linguística é a soma das línguas de trabalho de um intérprete e a relação que elas possuem entre elas. No caso da pesquisa de Choi, todos os intérpretes possuíam coreano como língua de trabalho mas cada um deles possuía combinações linguísticas distintas: coreano-inglês-francês, coreano-alemão, coreano-espanhol-francês e assim por diante. Ao apresentar a análise dos questionários, Choi afirma que, independentemente das línguas de trabalho, 89% dos seus entrevistados elegeram a pesquisa na internet como principal meio de preparação (CHOI, 2005, p.8). Além disso, a partir de uma referência cruzada entre os temas de conferência e métodos de preparação, Choi chegou à conclusão de que quanto mais um assunto evoluir rapidamente, mais útil será consultar a internet para se preparar para um trabalho neste campo (CHOI, 2005, p.10). Sem dúvida a internet está se tornando uma fonte essencial para a preparação dos intérpretes e outros estudos devem ser realizados para descobrir mais sobre como este fator tem influenciado o processo de aquisição de conhecimento para a atuação neste campo profissional.

Em seu livro, Gile também menciona encontros com o orador ou participantes de conferência para tirar dúvidas, que são chamados de *briefings*, como recurso para a preparação com antecedência. Ele diz que estes encontros poderiam ocorrer com dias de antecedência, se o cliente assim desejar ou no dia da conferência, algum tempo antes do início do programa. Para que estes *briefings* sejam proveitosos, de acordo com Gile, é importante que o intérprete tenha tido tempo de se preparar e levantar dúvidas ou termos específicos para os quais precise de ajuda (GILE, 2009, p145), de modo a aproveitar mais produtivamente o encontro com o palestrante ou com especialistas do tema da conferência.

3.1

Preparação de última hora e durante a conferência

A preparação de última hora ocorre com os documentos impressos que chegam no dia da conferência ou que o intérprete só consegue obter em formato eletrônico, tornando o *laptop* e o *pen drive* recursos de extrema utilidade na cabine. É importante destacar que Gile trata deste assunto como parte da preparação e não de maneira isolada. Para Gile este é um processo natural: o profissional terá pesquisado e estudado o assunto com antecedência e ao chegar ao evento complementarará seu estudo anterior com os materiais que chegarem às suas mãos.

A outra fase da preparação é a aquisição de conhecimento durante a conferência, como, por exemplo, os termos aprendidos enquanto se ouve os delegados falando do assunto na língua-alvo. Para Gile, esta fase aumenta dois tipos de conhecimentos específicos: o conhecimento fraseológico e o terminológico (GILE, 2009, p.146). O conhecimento fraseológico representa o conhecimento de como as palavras ou termos se relacionam e são usados naquele contexto. O conhecimento terminológico é aquele relacionado aos termos utilizados naquela área do conhecimento.

Esta preparação de última hora, também tem sido auxiliada pela internet. A proliferação da internet sem fio e dos *modems* para uso da internet no *laptop* faz com que o intérprete consiga realizar pesquisas de dentro da cabine. Como em alguns eventos este só tem acesso à apresentação do orador quando chega, o acesso à internet na cabine ajuda muito a adquirir vocabulário durante a conferência e também a pesquisar novos termos que surgirem ao longo do dia de trabalho.

Intérpretes de Conferência precisam dar prioridade à preparação, principalmente porque em muitas ocasiões trabalham com assuntos técnicos. Estes assuntos técnicos não são necessariamente científicos, como Roderick Jones relata em seu livro *Conference Interpreting Explained*. Técnica é qualquer conferência sobre um assunto específico, de arquivologia a um novo software para as atividades de uma empresa.

Mesmo eventos não científicos, nas mais diversas áreas, exigem o uso de terminologia específica que deve ser preparada com antecedência pelo intérprete e por isso são denominados técnicos (JONES, 2002, p.8).

A antecedência da preparação é uma questão a ser considerada: o intérprete pode ser contratado para um dia de trabalho, mas deve passar tempo se preparando antes do evento. Gile afirma que esta é uma das diferenças entre o trabalho de preparação do intérprete e do tradutor. Os dois profissionais precisam da preparação, mas o tradutor a realiza ao longo do seu trabalho enquanto que para o intérprete esta tarefa deve acontecer (ou começar) antes do trabalho, sob condições ideais (GILE, 2007, p.131). E dependendo da situação a preparação pode durar mais tempo do que o próprio evento para o qual o intérprete foi contratado. Taylor-Bouladon afirma: “O tempo de estudo não remunerado para se preparar para uma conferência não deve ser esquecido – às vezes duas semanas de estudo podem ser necessárias para uma conferência difícil com duração de dois dias.” (TAYLOR-BOULADON, 2007, p.52). Isso nos leva à importância do levantamento da terminologia do evento e à preparação de glossários.

3.2

Terminologia e preparação de glossários

Gile afirma no mesmo capítulo 6 que, para os ouvintes, a terminologia adequada representa qualidade na interpretação. Durante a fase de estudos é importante adquirir informações lexicais, isto é, saber quais os termos que tem mais probabilidade de aparecer no discurso a ser interpretado. Além disso, é importante ter as informações fraseológicas, entender como as palavras se relacionam no contexto e também conhecer o estilo de discurso utilizado. Bouladon confirma: “Seu público espera a terminologia correta, preparada com antecedência [...]”(TAYLOR-BOULADON, 2007, p.51)

Desta necessidade de alinhamento com a terminologia específica do evento, surge a elaboração de glossários nas línguas do evento. Um glossário é produzido a partir de um levantamento das palavras ou termos que provavelmente serão usados

numa conferência ou evento. De acordo com Gile, os glossários são feitos para situações específicas e raramente podem ser utilizados em situações diferentes daquela para a qual ele foi preparado (GILE, 2009, p.147). Isso significa que um glossário preparado para um evento específico em 2001 não necessariamente será suficiente para o intérprete estudar para um evento similar no ano seguinte. Ele pode ser um bom começo, mas não será o bastante para que o intérprete estude para o evento.

Comparando intérpretes e tradutores, no mesmo capítulo 6, Gile afirma que intérpretes usam menos documentos de referência que os tradutores. O acúmulo de conhecimento para os intérpretes, apesar do contato com várias áreas, também é em menor escala que os tradutores. Isso se dá porque intérpretes lidam com esforços simultâneos que dificultam muito a retenção de conhecimento a longo prazo. A não ser que trabalhem sempre com os mesmos assuntos, a tendência é que os intérpretes tenham um conhecimento superficial em diversas áreas do conhecimento (GILE, 2009, p.148).

Se uma das atividades básicas do intérprete é a produção de glossários compostos da terminologia do evento, qual é o lugar do conhecimento geral sobre o assunto? Qual dos dois deveria ser predominante na preparação do intérprete: uma pesquisa sobre o assunto em geral (conhecimento extralinguístico) ou fazer o levantamento terminológico? O que deve ser realizado primeiro? De acordo com Gile, os teóricos defendem que o intérprete deve se concentrar no conhecimento extralinguístico e só depois estudar os documentos específicos da conferência. Já os praticantes/intérpretes em geral defendem que primeiro deve-se lidar com a terminologia (GILE, 2009, p.146). Apesar da aparente discrepância, Gile faz uma observação: mesmo entre os que defendem que deve ser dada prioridade ao conhecimento extralinguístico na preparação para conferências, há uma ênfase em pesquisar a terminologia específica primeiro (GILE, 2009, p.146). Concluindo este assunto, Gile defende que diante de todo o estresse cognitivo pelo qual o intérprete passa, faz mais sentido dar prioridade à procura de soluções terminológicas (GILE, 2009, p.147).

4

A PREPARAÇÃO E DOIS MODELOS EM INTERPRETAÇÃO

4.1

Preparação e Antecipação no Modelo de Esforços de Daniel Gile

Gile, no capítulo 7 do livro citado, apresenta um modelo de esforços em interpretação, que desenvolveu para explicar as dificuldades que ocorrem no processo de realizar a interpretação. Para Gile, a tarefa da interpretação envolve esforços simultâneos que competem entre si. O intérprete precisa ouvir o orador que está interpretando e ao mesmo tempo analisar o que está ouvindo. Enquanto realiza estes dois esforços ele também produz a sua interpretação, sem deixar de memorizar o próximo trecho que está sendo enunciado pelo orador e que ele (intérprete) terá que interpretar em seguida. O fato de serem simultâneos faz com que naturalmente a capacidade de processamento do intérprete diminua dependendo do caso para os esforços.

Um exemplo seria numa situação em que o assunto da conferência é muito denso e com ordens específicas, como uma conferência médica em que um orador apresenta uma sequência de pacientes em diversos estágios de uma doença. Nesta situação, os esforços mais utilizados possivelmente seriam análise e memória. Por causa disso, a capacidade restante para os esforços de ouvir e produzir seria muito pequena.

Gile afirma que no modelo de esforços, a antecipação pode auxiliar o intérprete a diminuir o estresse cognitivo. Esta antecipação pode se dar através do emprego de termos linguísticos específicos à língua e sua estrutura. Incluirá a ordem e posição de substantivos e adjetivos e os principais agrupamentos lexicais daquela língua. A antecipação linguística consiste em prever termos que acompanham outros, isto é, palavras que tendem a acompanhar umas às outras com certa frequência, como as seguintes colocações: poupar tempo/dinheiro, receber um prêmio/uma homenagem, sentar à mesa, salva de palmas. A antecipação pode ser também extralinguística,

representando o conhecimento da conferência, orador, ambiente e saber as probabilidades de certas expressões surgirem, saber como as pessoas reagem a certas declarações (GILE, 2009,p.173). Esta antecipação pode ser muito ajudada pela preparação:

Basicamente, quanto mais a antecipação reduz a incerteza, mais alívio cognitivo ela traz. É neste momento que o conhecimento extralinguístico e a preparação para a conferência (capítulo 6) se tornam tão importantes. Usando os documentos e briefings preparatórios para obter conhecimento sobre a conferência, isso é, fatos relevantes, nomes, idéias, termos e expressões que devem ser respectivamente mencionados ou usados durante a conferência, os intérpretes aumentam sua capacidade de antecipar e desta maneira diminuir as exigências da capacidade de processamento para os esforços de ouvir e analisar e algumas vezes até no esforço de produção. Mais capacidade sobra para as tarefas que necessitam e o risco de saturação pode ser reduzido. (GILE, 2009, p.175).

4.2

Preparação e o Modelo Gravitacional de Disponibilidade Linguística

Um outro modelo importante abordado por Gile no mesmo livro é o modelo gravitacional de disponibilidade linguística (Figura 1).

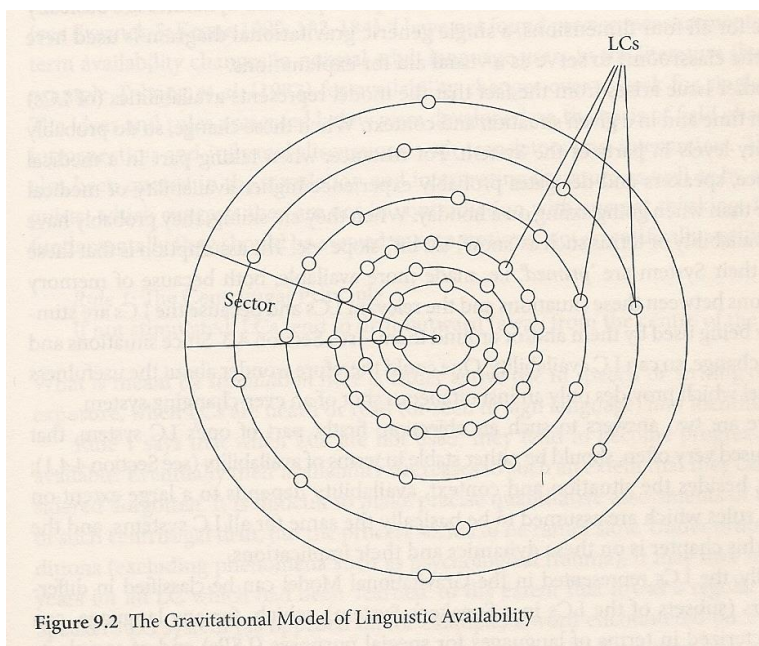


Figura 1: Modelo Gravitacional de Disponibilidade Linguística (GILE, 2009, p.227)

A disponibilidade é caracterizada pelo estado de disponibilidade de constituintes linguísticos. Os constituintes linguísticos são as unidades lexicais, as regras da composição da língua como um todo e as regras de língua para situações específicas (GILE, 2009, p. 223). Estes constituintes devem estar disponíveis em quatro estados: compreensão, produção, compreensão escrita e produção escrita.

No conceito da disponibilidade percebe-se que os termos orbitam entre o que é passivo (círculos mais distantes) e o que é ativo (círculos mais próximos do núcleo). Os termos migram de forma centrípeta (termos mais usados) ou de forma centrífuga (termos menos usados) (GILE, 2009, p.229). De acordo com este conceito, não há somente coisas que sabemos e que não sabemos. Existe apenas o que está disponível e o que não está disponível linguisticamente.

Mesmo que o intérprete já tenha estudado o assunto e os termos para uma conferência de engenharia de alimentos, pelo conceito da disponibilidade linguística, quando não são mais úteis, estes termos migrarão de forma centrífuga para os círculos mais distantes do núcleo. A preparação terminológica para cada evento ajuda a trazer os termos para perto do núcleo, tornando-os disponíveis novamente.

Entender este conceito é essencial, pois a pouca disponibilidade, na prática, representa falta de conhecimento. Um termo não disponível é equivalente a um termo desconhecido para o intérprete (GILE, 2009, p.223) e a falta de disponibilidade pode resultar em falhas na interpretação e em saturação cognitiva para o intérprete (GILE, 2009, p.226). O investimento do intérprete em manter o jargão de conferências sempre disponível pode se tornar um trunfo para que as palavras não faltem e que ele evite este tipo de falha ou branco. E, conseqüentemente, o esforço na preparação específica para cada evento evitará possíveis falhas causadas pela distância entre os termos e o núcleo gravitacional. Além disso, o intérprete fará menos esforço cognitivo durante sua tarefa, pois os termos estarão perto do núcleo e ele não precisará se esforçar para trazê-los para mais perto.

Existe uma relação entre a disponibilidade de produção e compreensão. A disponibilidade de produção normalmente diminui conforme o esforço cognitivo, mas é provável que exista disponibilidade de compreensão ainda assim. Isso significa que mesmo que o intérprete esteja exaurido em sua capacidade cognitiva é provável que ele ainda consiga realizar o esforço de compreender a mensagem, mesmo que não consiga formular uma tradução (disponibilidade de produção). Gile afirma que a manutenção linguística, esta capacidade de manter as línguas de trabalho e suas palavras disponíveis, é um fator importante para manter a disponibilidade (GILE, 2009, p.233).

Em suas diversas fases, a preparação é parte inerente do trabalho do intérprete antes e durante a interpretação. A preparação é a atividade que informa o intérprete o assunto específico que irá interpretar e a terminologia adequada em tal contexto. Para Choi, “a preparação se torna indispensável à qualidade da interpretação” (CHOI, 2005, p.3) e auxiliará o intérprete em todas as fases de sua tarefa, poupando esforços cognitivos e assegurando um bom desempenho.

METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica realizada inicialmente foi fundamental para levantar informações de estudiosos e praticantes dessa atividade profissional, no que diz respeito à preparação para a interpretação de conferências, os métodos usados e a influência da preparação para o desempenho do intérprete. Porém, para trazer dados da realidade do mercado e descobrir a opinião e experiência de profissionais da área a respeito do assunto, senti a necessidade de buscar contato com os intérpretes atuantes. Com esta finalidade, foi formulado um questionário (Anexo 1) sob a supervisão da orientadora da monografia. Busquei averiguar, principalmente, qual o conceito de preparação que os profissionais tinham, que método de preparação usavam, que novas estratégias de estudo desenvolveram com o passar dos anos na profissão, que fontes de pesquisa utilizam, qual o foco principal em sua preparação. Foi também incluída uma seção inicial para identificar o perfil dos respondentes e assim poder estabelecer relações entre as diferentes formas de preparação e os perfis dos intérpretes.

O questionário foi enviado, na primeira quinzena de janeiro de 2010, via correio eletrônico para 51 intérpretes de conferências atuantes no Rio de Janeiro naquele ano, cujos emails faziam parte da minha lista de contatos pessoais. Para facilitar as respostas e proporcionar conforto aos respondentes, os emails foram enviados de forma pessoal, com uma dedicatória específica e foi dada a opção de responder ao questionário diretamente no corpo do texto. Os respondentes deram retorno imediato, felizmente, de modo que no dia 10 de março já haviam sido recebidos 31 questionários, nos quais se fundamentam as análises a seguir. Primeiro, será apresentado o perfil dos respondentes (análise quantitativa). Em seguida, será realizada análise interpretativa dos demais dados, relativos à temática deste trabalho – métodos, fontes e importância da preparação.

6

ANÁLISE DE DADOS

6.1

Perfil dos respondentes

Dos 31 questionários respondidos, 24 foram respondidos por mulheres (77,42%) e 7 foram respondidos por homens (22,58%).

Tabela 1: Idade

25 a 30 anos	30 a 40 anos	40 a 50 anos	50 a 60 anos	Maior de 60 anos
1 pessoa 3,22%	6 pessoas 19,35%	12 pessoas 38,70%	9 pessoas 29,03%	3 pessoas 9,67%

Tabela 2: Formação acadêmica

Possuem curso superior	Possuem algum tipo de especialização acadêmica	Possuem formação específica em interpretação
28 pessoas 90,32%	19 pessoas 61,29%	26 pessoas 83,87%

Tabela 3: Tempo de exercício profissional

0 a 10 anos	10 a 15 anos	15 a 20 anos	20 a 25 anos	Mais de 25 anos
9 pessoas 29,33%	4 pessoas 12,88%	4 pessoas 12,88%	10 pessoas 32,25%	4 pessoas 12,88%

Vê-se, portanto, que a maioria dos respondentes possui mais de 15 anos de experiência profissional e estão na faixa etária de 40 a 60 anos. Dos 31 respondentes, 26 possuem formação/treinamento formal para o exercício da interpretação simultânea

6.2

Definição da preparação

Na resposta à pergunta sobre o teor da preparação, obtive resultados interessantes. O item do questionário foi

- (1) Na sua opinião, o que é um intérprete preparado? Esta definição pode incluir aspectos além da preparação para o evento específico?

Dos 31 respondentes, três se abstiveram de responder a pergunta. Das 28 respostas, podem ser retirados alguns pontos em comum: dezessete respondentes afirmaram que o intérprete preparado é aquele que pesquisou o assunto do evento em questão. Doze falaram a respeito da importância da cultura geral para considerar um intérprete preparado. Também foi destacada, por oito respondentes, a necessidade do intérprete se manter atualizado em assuntos gerais.

Onze falaram sobre o domínio das línguas de trabalho e a necessidade de se manter atualizado nas mesmas. A importância de pesquisar e conhecer a terminologia específica do evento foi mencionada por oito respondentes. A necessidade de formação acadêmica específica foi mencionada por seis respondentes e alguns respondentes expressaram que este aspecto (formação) é fundamental para que o intérprete tenha principalmente a formação moral e ética essencial a um bom profissional.

Outras áreas mencionadas por, pelo menos, dois respondentes são: a importância de o intérprete ter dormido bem, de ser bicultural de acordo com suas línguas de trabalho, ter passado por estágios ou prática da profissão antes de entrar na realidade da profissão em si; ter experiência de vida; ser aberto a aprender; ser estudioso/interessado. Outros aspectos interessantes foram mencionados apenas por um respondente: capacidade de entender rapidamente, articulação verbal, segurança, alerta para tudo, maturidade emocional, experiência prática, ter feito aquecimento vocal, ser capaz de transmitir a mensagem do orador da forma mais fiel e clara possível, ter planejado o traje adequado para a ocasião, ser capaz de fazer pesquisas-relâmpago no evento.

O que é possível perceber por estas respostas é que o conceito do “intérprete preparado”, para os profissionais é muito mais amplo que o apresentado na fundamentação teórica. No segundo capítulo desta monografia, que aborda a literatura da área, a preparação, na maioria das vezes, foi apresentada como aquisição de conhecimento específico, conforme o que apontam os teóricos da interpretação e as normas de associação profissional. As informações obtidas nesta resposta, porém, mostram que os profissionais consideram a preparação como um conceito bem mais abrangente do que o apresentado pela literatura, pois incluem aspectos além dos cognitivos – incluindo alguns sociais, afetivos, e de interpessoalidade.

6.3

Línguas de trabalho e preparação

Outro ponto que constou do questionário dizia respeito ao aprimoramento das línguas de trabalho. Ao responder sobre os elementos que são utilizados no investimento e preparação destes instrumentos linguísticos, os intérpretes apresentaram os seguintes dados:

Tabela 4: Quais elementos utiliza para manter suas línguas de trabalho? Crê que isso faz parte da preparação?

Leitura	Mídia	Contato com nativos da língua	Viagens	Cursos e aulas particulares
29	25	17	17	9

Foi solicitado aos respondentes que só marcassem três das opções apresentadas. No entanto, alguns marcaram mais e outros menos. Houve três abstenções na segunda parte da pergunta (“Crê que isso faz parte da preparação?”). Dos que responderam à segunda parte, 26 afirmaram que consideram a manutenção linguística parte da preparação e um respondente disse que não considera este aspecto parte da preparação do intérprete. Um respondente apontou que crê que isso faz parte do que se espera de um intérprete profissional (não necessariamente parte da preparação).

Esta opinião dos profissionais é consonante com o que Daniel Gile afirma sobre a importância do intérprete manter contato com suas línguas. Esta também é uma forma de preparação que ajuda o intérprete a manter a disponibilidade de vocabulário.

6.4

Métodos e fontes de preparação

Para depreender os métodos e estratégias usados na preparação, foram inseridas no questionário as perguntas (1) a (3) a seguir. O intuito era o de identificar de que forma a internet e novas tecnologias possam ter impactado as formas de estudo e aparelhamento do intérprete.

(1) Como desenvolveu seu método de preparação?

Tabela 5: Como desenvolveu o seu jeito de se preparar? Aprendeu com alguém?

Durante a formação	Por conta própria	Com os colegas	Durante a formação e por conta própria	Durante a formação e com os colegas	Com os colegas e por conta própria	Durante a formação, colegas e por conta própria	Sem resposta
7	7	3	2	0	9	2	1

É interessante perceber que a resposta mais frequente é de aprender com os colegas e por conta própria, isso é, por ensaio e erro. Algo que funciona bem para o colega pode não funcionar bem para outros e vice-versa. Vale à pena destacar que sete respondentes citaram o curso de formação de intérpretes como única fonte ou ambiente no qual aprenderam a preparação. Se somarmos com os outros dois que citaram os três fatores (curso, colegas, ensaio e erro), serão 9 respondentes afirmando que aprenderam a se preparar durante a sua formação.

Este resultado demonstra a importância do contato com professores-intérpretes durante a formação, para que os alunos aprendam como devem se preparar e para que saibam quais informações são relevantes para o estudo. Além disso, as respostas obtidas aqui destacam a importância dos alunos entenderem que o tempo de formação

é importante para que aprendam como devem se preparar e desenvolvam seu próprio método de estudo para conferências.

(2) Como você se preparava no início da atuação profissional? Como se prepara agora?

Os que começaram a trabalhar antes da popularização da internet (16 respondentes) citaram alguns fatores que os auxiliavam na preparação: visita a bibliotecas, uso de dicionários técnicos, consulta a profissionais, acúmulo de conhecimento mesmo sem eventos em vista, compra de livros e revistas sobre os temas que apareciam nas conferências, consulta a glossários emprestados, uso de fitas que eram gravadas nos eventos para a produção de novos glossários. Quando perguntados sobre como se preparam atualmente, todos falaram que com o uso da internet a preparação se tornou mais fácil e 24 afirmaram que a utilizam como fonte para pesquisa ou para confirmar a terminologia. Os mais jovens na profissão (menos de 10 anos de prática profissional) dizem que neste tempo de carreira aprenderam a otimizar o tempo, saber que tipo de informações precisavam levantar e refinaram seus métodos de busca.

Choi declara que “a duração da preparação depende da experiência do intérprete, do grau de dificuldade do tema tratado e do prazo apresentado pelo contratante.” (CHOI, 2005, p.3, tradução de Luciana Nadalutti). As respostas encontradas no questionário reafirmam as palavras de Choi. Este é mais um motivo pelo qual os cursos de formação de intérpretes devem enfatizar para os alunos o fato de que eles devem experimentar formas diferentes de pesquisa de assuntos e terminologia, é a experiência que traz o aprimoramento da preparação.

As tabelas a seguir indicam as fontes de pesquisa dos intérpretes quando pesquisam para conferências e o que procuram ao consultarem a internet.

(3) Fontes de pesquisa para preparação

Tabela 6: Quais são suas fontes de pesquisa para a preparação?

Fontes de	1 – muito	2 – bem	3 – importante	4 – não tão	5 – menos
-----------	-----------	---------	----------------	-------------	-----------

pesquisa	importante	importante		importante	importante
Glossários próprios	12	11	5	1	2
Glossários de colegas	0	9	11	4	5
Internet	17	8	4	1	0
Dicionários técnicos	2	4	4	10	6
Consulta a especialistas	2	1	3	10	9
Enciclopédias	1	0	1	1	4

Tabela 7: Ao consultar a internet buscam (marcaram mais de uma opção):

Informações sobre o assunto	30
Informações sobre o orador	11
Glossários prontos sobre o tema	5
Outros:	
<ul style="list-style-type: none"> • Depende da informação que recebeu (só o nome do orador ou só o assunto) • Podcasts do orador também ajudam • Terminologia do evento 	<p>1</p> <p>1</p> <p>1</p>

Como era de se esperar, os dados informados na Tabela 6 revelam que a internet foi apresentada como principal fonte de pesquisa para mais da metade dos respondentes e segunda fonte de pesquisa para oito respondentes. Em segundo lugar vemos os glossários próprios e em terceiro os glossários de colegas, fontes de informação que destacam a busca por terminologia específica. Como fontes de pesquisa não tão procuradas temos os dicionários técnicos, consulta a especialistas e enciclopédias.

Na Tabela 7, observamos as respostas relacionadas ao tipo de informação procurada na internet. Os respondentes podiam marcar mais de uma opção. Ainda

assim, todos com a exceção de 1 respondente marcaram que fazem buscas relacionadas ao assunto da conferência.

Qual deve ser a ênfase da pesquisa: ênfase terminológica ou extralinguística?

Para entender o que intérpretes consideram merecer a maior parte de seu tempo de preparação, foi elaborada a pergunta “Quando está se preparando para uma conferência, o que faz mais intensamente?” Nove respondentes disseram que procuram informações gerais sobre o assunto e 22 afirmaram que procuram terminologia específica. Alguns respondentes acrescentaram que as duas questões andam juntas, é praticamente impossível separar a pesquisa do assunto da pesquisa terminológica. Outros disseram que depende do assunto da conferência, se for muito técnica a ênfase será terminológica.

Com o objetivo de confirmar se havia uma ênfase na preparação com foco na terminologia da área, em detrimento da ampliação e aprofundamento de informações contéudísticas da área, foi apresentada a seguir uma citação. Os respondentes tinham que indicar se concordavam ou não com ela e em que aspecto.

“Parece haver um consenso geral entre os intérpretes de conferência em relação aos métodos de preparação, exceto em uma questão básica, que é relevante principalmente para a preparação com antecedência: alguns crêem que a aquisição de conhecimento prévio deve se concentrar no conhecimento extralinguístico, enquanto outros pensam que a prioridade deve ser a preparação da terminologia... Na vida real, por observação pessoal, minha impressão é que até defensores da primeira abordagem (concentrar-se nas informações gerais sobre o assunto e gradualmente chegar ao assunto específico daquela conferência) lidam com a terminologia primeiro.”

Tabela 8: Em relação à afirmação acima você:

concorda que a aquisição de conhecimento extralinguístico é prioritária na preparação para um evento	3
concorda que a prioridade na preparação para um evento deve ser a preparação da terminologia.	7
concorda que a prioridade na preparação para um evento é ampliar o conhecimento sobre o assunto, mas sempre acaba se concentrando primeiro na terminologia do evento	13
concorda que a prioridade é estudar a terminologia específica do evento, mas prefere começar estudando o assunto do evento para ampliar o seu conhecimento	7
.Sem resposta``	1

Os respondentes disseram que é fácil pesquisar o assunto e começar a pesquisar o vocabulário, ao mesmo tempo, sem nem perceber que passaram de uma pesquisa mais ampla para algo mais específico, o que confirma as respostas da pergunta anterior. Outro respondente afirmou que é mais difícil pesquisar um assunto do que o vocabulário. Outro ainda destacou que pela característica do mercado do Sudeste do Brasil, onde se trabalha com assuntos variados, é mais importante dar ênfase à terminologia durante a pesquisa. Somando os dados pelo critério prioridade de estudo, isto é, o que os respondentes crêem que é a sua prioridade quando estudam para conferências, percebe-se que para 16 respondentes a prioridade está no conteúdo extralinguístico e para 14 respondentes, a prioridade é o conteúdo terminológico. Em contrapartida, somando os dados pela ação, isto é, pelo que fazem de fato, 20 respondentes afirmaram dar prioridade a buscar a terminologia em questão e apenas 10 responderam buscar informações sobre o assunto em geral.

Após a análise dos dados provenientes destas duas perguntas, confirmamos o que Daniel Gile afirma, que a maioria dos profissionais atuantes no mercado sempre dão ênfase às questões terminológicas e que, devido ao estresse cognitivo que a interpretação envolve, o ideal é que o intérprete se familiarize primariamente com a terminologia da conferência onde vai trabalhar.

Na pergunta seguinte, indago sobre a indispensabilidade de se obter material fornecido pelos organizadores do evento. Segue a pergunta:

Tratando do material específico da conferência: ele é condição *sine qua non* para a preparação do intérprete?

As respostas a esta pergunta revelam que, apesar da pergunta exigir uma resposta afirmativa ou negativa, os respondentes tiveram que se ajustar à realidade em que atuam. Parece ser um consenso entre os intérpretes que o ideal seria receber o material antes. Dos 31 respondentes, 20 responderam não ser condição *sine qua non* receber o material e 11 respondentes afirmaram ser. Todos que responderam “o por que” falaram que esta não é a realidade (sempre receber o material do evento), o que indica que os intérpretes tiveram que se adaptar a não receber o material pela forma

como os clientes se comportam e não porque não acham o material importante para a preparação. Portanto, considerar que receber o material não é condição *sine qua non* é fruto da experiência e não resultado de uma necessidade ética e profissional.

6.5

Antecedência da preparação

Qual deve ser a antecedência da preparação do intérprete?

A pergunta que buscava informações sobre tempo de disponibilidade para a preparação foi assim redigida: “Com qual proximidade do evento a pesquisa deve ser realizada?”

As opções oferecidas continham informações tanto relacionadas às características não relacionadas ao tempo (confirmação e tema do evento) quanto temporais (semana e um dia antes do evento). Os respondentes foram bem enfáticos nas suas respostas. A decisão por colocar a opção relacionada à confirmação tem a ver com o mercado onde a pesquisa ocorreu. Entre o mercado de intérpretes *freelance* no Rio de Janeiro, os convites para trabalho são feitos em forma de reservas que podem confirmar ou não e a tendência é que confirmem a partir de uma semana da data do evento, muitas vezes só ocorrendo um ou dois dias antes. Desta forma, é compreensível que nove dos respondentes tenham decidido pela opção ‘a preparação do evento deve ocorrer após a confirmação’. Até porque, na maioria das vezes em que o intérprete recebe uma reserva ele não tem o conhecimento do assunto e muito menos do evento para o qual está sendo reservado.

A opção na ‘semana do evento’ recebeu quatro respostas e a opção ‘um dia antes do evento’ nenhuma resposta. Parece razoável o número de respostas para estas opções, considerando que no mercado do Rio de Janeiro a questão temporal é bem vaga, pois a confirmação pode chegar com uma semana e meia de antecedência ou um dia antes do evento.

A opção ‘depende do tema’, foi assinalada por nove respondentes e solicitava que os mesmos explicassem o por quê da resposta. Entre os motivos para a escolha

figuraram: o grau de dificuldade do tema, i.e. se o assunto é complexo e extremamente técnico ou mais cotidiano e abrangente, a falta de familiarização do intérprete com o assunto, se esta é a primeira vez que trabalha com este tema ou neste evento. Se for a primeira vez que o intérprete estiver trabalhando com este assunto é natural que ele precise de mais tempo para levantar a terminologia. Se já tiver trabalhado com o assunto outras vezes, será mais fácil revisar.

A opção ‘outros’ foi selecionada por nove respondentes e vários fatores foram citados, inclusive a complexidade do tema. De acordo com os respondentes: depende dos trabalhos já confirmados antes do evento em questão e, no caso de haver mais de um trabalho que exija preparação, seria adequado postergar a preparação do último evento para não sobrecarregar os esforços. Outras respostas apontaram que depende também da extensão do evento e da matéria em questão – se é um assunto complexo, que exige o estudo de diversas partes. Foi salientado, ainda, que depende também da experiência do intérprete e do tempo disponível que este possui para se preparar. Houve quem apontasse que depende se o intérprete recebeu material do evento. Outro comentário postado foi a hipótese de que se o evento for confirmado com antecedência, o intérprete pode estudar o assunto e na véspera ou antevéspera revisar a terminologia. Também foi observado que se o assunto é novo ou desconhecido, exige mais tempo do intérprete. Um comentário relacionava o nível de exposição do intérprete no evento onde está à preparação. Se o profissional estiver trabalhando em uma coletiva de imprensa, onde o intérprete estará sozinho e não terá a presença do colega para auxiliar, ele precisa de uma preparação mais intensa. Uma outra observação citou o volume das informações a serem absorvidas.

Foi extremamente importante analisar as diferentes respostas e contribuições dos profissionais da área no que diz respeito à antecedência da preparação. São diversas questões que influenciam o tempo e a dedicação que será alocada à preparação. Sem dúvida os dados provenientes dos questionários apontaram muito especialmente esta questão, onde as respostas foram bem variadas e abrangentes e praticamente todas com a justificativa preenchida.

6.6

Preparação e desempenho

A pergunta seguinte buscou identificar se a variável preparação tem impacto no resultado do desempenho no evento.

Qual é o relacionamento entre preparação e desempenho pessoal do intérprete? A preparação pode garantir um melhor desempenho ao profissional?

Os respondentes parecem concordar no que diz respeito à necessidade da preparação para um bom desempenho. Ela pode não garantir uma interpretação de boa qualidade, mas certamente influencia o desempenho, de acordo com 25 dos 31 respondentes. Quatro destes respondentes afirmaram que a preparação é o fator que mais pesa para o seu bom resultado na cabine. Há imprevistos diversos e muitos outros fatores que influenciam a qualidade do trabalho. Ainda assim, os respondentes caracterizaram a preparação como fundamental, essencial, algo que ajuda a superar obstáculos e até a lidar com os outros fatores que interferem no desempenho e não podem ser controlados. A segurança e confiança que o intérprete adquire porque se preparou para o evento foi mencionada por dez respondentes. Alguns afirmaram que independente do efeito psicológico (“se sentir preparado”) isso os auxilia e faz com que se sintam tranquilos, calmos e pode até ajudar a aprender qualquer novo vocabulário que surgirá durante o evento.

Para descobrir que outros fatores além da preparação interferem no trabalho do intérprete, incluímos uma segunda pergunta na questão 12, que segue abaixo.

Tabela 9: Pergunta 12b Há outros fatores importantes, além da preparação, que interferem no seu desempenho?

Tipo de orador (sotaque difícil, rapidez de fala, bom ou mau orador)	12
Qualidade do som (equipamentos, técnico, barulho na sala)	10
Relação com o colega de cabine	7
Noite mal dormida	4
Cansaço	3

Visibilidade (posicionamento da cabine, objetos visuais)	3
--	---

Além dos aspectos mencionados acima, algo que dois respondentes apontaram foi o caso de interpretação quando a língua-fonte é a língua C (conceituada como a língua da qual se interpreta, mas que não é usada como língua-meta). Nesta situação, a preparação deve ser mais rigorosa. Uma outra questão que apareceu durante a análise dos questionários foi o *delivery*. Este termo, emprestado da língua inglesa, é empregado no campo da interpretação para descrever a forma como o intérprete apresenta ou ‘entrega’ o discurso na língua de chegada. Houve respostas tanto reforçando que a qualidade do *delivery* deve ser vista como prioridade (superando assim uma preparação medíocre) e outras que afirmavam que deveria existir muito cuidado nesta área, para que o intérprete experiente não se aproveite do seu bom *delivery* para não se esforçar para aprender e dominar o vocabulário da conferência.

Estes comentários, de certa forma conflitantes, apontam para o fato de que um intérprete experiente pode atingir um nível de *delivery* que o capacite a atuar em diferentes eventos com um desempenho apropriado, independentemente de sua preparação específica para aquela situação. Desta maneira o *delivery* pode se tornar um trunfo, utilizado pelo intérprete nos dias em que precisar atender trabalhos às pressas ou quando algo inesperado ocorre. Contudo, como um respondente destacou, o intérprete deve ter cautela para que não deixe de apreender o vocabulário da conferência por confiar no seu *delivery*.

A pergunta 12b foi incluída com o intuito de buscar saber mais sobre os aspectos que interferem na qualidade da interpretação na visão do próprio intérprete e saber se a preparação para o evento pode ajudá-lo a lidar com estas questões. No entanto, como dito acima, esta área ainda carece de maior exploração.

Realizar esta pesquisa com os profissionais foi uma meta pensada desde a escolha do tema para a monografia. Entendia que somente verificar o que diziam os estudiosos, os professores e os teóricos não seria suficiente para entender o que, de fato, ocorre no mercado, uma vez que são tantas restrições que interferem no que

seria a situação ideal. O fato de que o questionário foi respondido por diversos profissionais com tempos de profissão, formação e idades tão diferentes foi essencial para que os dados fossem relevantes. Toda a diversidade e a complementariedade das respostas proporciona muita riqueza à reflexão iniciada na fundamentação teórica.

Os dados, analisados qualitativamente, refletem o pensamento geral deste mercado, no que diz respeito a esta área. Foi possível, por meio das respostas, entender como consideram a preparação importante e perceber que crêem que a preparação é um conceito mais abrangente do que aquele apresentado na teoria. Os dados revelaram o que fazem os profissionais para coletar informações ao estudar para as conferências, qual deve ser a antecedência na preparação, bem como qual é a relação do estudo para conferências e o desempenho pessoal do intérprete. No próximo capítulo serão apresentadas as conclusões e considerações finais deste trabalho.

CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa e o arcabouço teórico levantados sobre a preparação do intérprete e a análise dos dados coletados demonstram que este é um tema muito mais amplo do que só o estudo prévio dos termos e assuntos a serem abordados no evento específico. Para os intérpretes respondentes ao questionário usado para identificar o que pensam sobre a questão, a preparação está ligada ao conceito de ser um profissional cada vez melhor e em constante aprimoramento. Podemos observar pelas respostas aos questionários que ser um intérprete preparado significa ter responsabilidade em sua profissão, ser um bom colega e ter comportamento ético na sua prática profissional. O estudo para a conferência e a busca terminológica fluirá deste comprometimento com a profissão e é algo fundamental para que o intérprete realize um bom trabalho.

É também importante que o profissional cultive o hábito de manter suas línguas de trabalho, como parte dessa sistemática de preparação. Este hábito pode ajudar a poupar o tempo no estudo para eventos específicos, pois auxilia o intérprete a ter um vocabulário e compreensão cada vez mais amplos. O hábito de cultivar as línguas de trabalho também ajuda o intérprete a se manter em contato com a cultura dos países nos quais estas línguas são faladas. Este é um outro fator muito importante para a devida contextualização do profissional nos eventos em que for trabalhar. Um tema que merece um estudo aprofundado em futuras pesquisas seria a preparação em relação às línguas de trabalho. Será que é mais difícil um intérprete se preparar dependendo das línguas com as quais trabalha? Se sua combinação linguística tiver línguas latinas e asiáticas, é mais difícil pesquisar o vocabulário? Algumas línguas trazem mais dificuldade que outras?

A respeito dos métodos de preparação, fica claro que a escolha da estratégia de estudo é uma questão pessoal a ser desenvolvida e que depende de outros componentes. Choi afirma que “a duração da preparação depende da experiência do intérprete, do grau de dificuldade do tema tratado e do prazo apresentado pelo

contratante.”(CHOI, 2005, p.3, tradução de Luciana Nadalutti). Na pesquisa realizada, não encontrei diferenças significativas entre as respostas de intérpretes há mais tempo no mercado em relação às dos mais novatos no que diz respeito à duração da preparação. Fica bem evidente que com o tempo de profissão os métodos de estudo se refinam. Mesmo os respondentes com 1 a 10 anos de experiência profissional relataram que seus métodos de preparação já mudaram um pouco e que sentem que perdem menos tempo e sabem melhor como e o que procurar na hora de estudar para conferências. Porém, um estudo mais aprofundado poderia buscar verificar se o tempo de atuação na profissão interfere nas modalidades de estudo e preparação.

Cada intérprete precisa testar quais métodos de estudo e aquisição de conhecimento e terminologia funcionam para ele até que desenvolva seu próprio método. O modo de se preparar vai se refinando com o tempo e se desenvolvendo através de ensaio e erro e do aprendizado com colegas mais experientes e professores. De acordo com Choi (citação acima) e com os respondentes, a experiência e a prática influenciam a preparação. Os resultados mostram que a opção mais frequente para os intérpretes é aprenderem com os colegas e por conta própria.

Em relação à ênfase extralinguística ou terminológica, os intérpretes demonstraram que, em situação de trabalho, como apontou a pesquisa bibliográfica, decidem se concentrar na terminologia. Esta é uma realidade muito presente no mercado. Os intérpretes tendem a se concentrar em terminologia porque sabem que para os ouvintes esta é a falha mais evidente. Esta é a abordagem prática dos intérpretes profissionais, como abordado por Gile.

A partir dos resultados dessa pesquisa, segue uma sugestão para alunos de interpretação. Que eles entendam que durante a sua formação eles têm a possibilidade de experimentar diferentes estratégias de estudo e preparação, tais como métodos de pesquisa, foco no assunto ou na terminologia, uso de material visual (post-it, glossários impressos, tela do computador ligada) e, pela experimentação, descobrirem como funcionam individualmente. Somente a vivência de formas diversas de se

habilitar aos desafios da interpretação possibilitará que cada aluno de interpretação descubra o que lhe traz resultados mais eficientes. O tempo de formação deve ser um ambiente onde não exista tanto medo de errar.

As dicas relacionadas a estudo e pesquisa provenientes de profissionais mais experientes ajudam imensamente. Por isso, o contato com professores-intérpretes e outros intérpretes durante a formação é importantíssimo para o aluno. Durante os anos de formação, a partir do conselho dos professores e da prática, o aluno pode descobrir qual o melhor método para ele. As técnicas para busca na internet também devem ser ensinadas cada vez mais. Choi recomenda:

Nesse contexto demonstra ser necessário utilizar a ferramenta da internet e fazer pesquisas para adquirir os conhecimentos temáticos e terminológicos necessários, especialmente nos campos científico e tecnológico [...] O manejo da ferramenta da internet parece então indispensável ao trabalho de preparação do intérprete de conferências e seu ensino, devendo logicamente ser integrado à formação do intérprete (CHOI, 2005, p.14, tradução de Luciana Nadalutti)³.

Pela importância que a internet está adquirindo na preparação dos intérpretes, um estudo posterior poderia ser realizado com uma concentração específica no tema, como o estudo de Choi na Coreia do Sul. Seria interessante analisar a relação dos temas com o que se busca na internet, os principais sites visitados, como o intérprete vê o uso da internet em cabine, entre outras questões que se relacionam com o uso de mecanismos de busca de informações e a eficiência na preparação para o trabalho.

Percebeu-se que os intérpretes gostariam de receber o material com antecedência, principalmente se ele for lido pelo orador, se for um artigo acadêmico ou uma apresentação muito técnica. Contudo, não tem sido tão fácil para os clientes entenderem a importância disso. Também existe o caso no qual o cliente não consegue pedir o material ao palestrante ou situações nas quais, por motivos de

³ Agradeço à querida colega Luciana Nadalutti a tradução do artigo *Qualité et préparation de l'interprétation. Évolution des modes de préparation et rôle de L'Internet*, de Jungwha Choi, para fins de inclusão nesta monografia.

confidencialidade, o cliente não deseja enviar nenhum tipo de material por meio eletrônico. Para não deixarem de trabalhar, os intérpretes se adaptaram e aprenderam a se preparar mesmo sem o material, compensando essa falta com estratégias de antecipação e previsão dos assuntos a serem abordados e da terminologia essencial à tarefa a realizar.

Com o surgimento da internet e a diversidade de assuntos que podem ser encontrados com o auxílio de motores de busca, a preparação, mesmo sem material, tornou-se mais simples e possível. Uma pergunta que poderia ser feita numa outra pesquisa seria se antes do advento da internet os clientes tendiam a dar mais material para os intérpretes ou se não há diferença na atitude dos clientes. E, se os clientes agiam da mesma forma naquela época, qual era a atitude dos intérpretes? Ainda assim tentar pesquisar o material da melhor forma possível? Não conseguir estudar o suficiente? Recusavam alguns trabalhos? De qualquer forma, no estudo aqui apresentado, a falta de material específico nunca foi algo desejado, mas, na opinião dos respondentes, é possível realizar um bom trabalho mesmo sem ele, pois é possível se preparar bastante a respeito do assunto e terminologia da área fazendo pesquisas na internet e em glossários pessoais.

Em relação à qualidade, desempenho pessoal e preparação, ainda será necessário pesquisar muito mais. A pergunta do questionário que aborda este assunto estava relacionada ao desempenho pessoal e não necessariamente à qualidade da interpretação. Cada profissional estabelece seu próprio padrão do que significa um bom trabalho e não é possível afirmar que ‘uma excelente cabine’ na opinião daquele intérprete seja igual à qualidade da interpretação.

Ainda na questão sobre o desempenho profissional, durante a análise dos questionários um assunto que chamou a atenção foi a relação que alguns respondentes fizeram entre a preparação e o *delivery* do intérprete. Possuir um bom *delivery* auxiliará o intérprete a lidar com momentos onde a preparação acaba não tendo propósito, i.e., quando o cliente passa um assunto errado para os intérpretes estudarem, quando o intérprete é trocado de sala em cima da hora ou quando o

trabalho é solicitado de um dia para o outro (ou no mesmo dia!) e não há tanto tempo para a preparação. Parece assustador falar desta forma, mas no mercado brasileiro, infelizmente, os intérpretes ficam sujeitos a este tipo de situação e precisam se ajustar até onde for possível. Em casos como estes, ter um bom *delivery* auxilia muito o intérprete a contornar a falta de terminologia preparada e falta de contextualização no assunto da conferência.

Deve-se tomar muito cuidado, contudo, para que o intérprete não confie demais no seu *delivery* e acabe por não se preparar da melhor forma possível e não empregar a terminologia correta. Afinal, para o ouvinte, o intérprete é sua única conexão com a fala do orador. O ouvinte depende inteiramente do intérprete para ouvir aquela mensagem e possui o direito de ouvir toda a terminologia correta, na medida do possível para o intérprete.

Ainda no assunto de qualidade e preparação, praticamente não há estudos que meçam desempenho pessoal relacionada a casos onde os intérpretes receberam os documentos e tiveram a oportunidade de se preparar e observar o material com antecedência (KAHANE, 2000). Para medir qualidade e saber mais sobre o desempenho em si, seria interessante que esta relação fosse pesquisada e que fosse possível monitorar a interpretação, o *delivery*, a opinião dos ouvintes e quais padrões o intérprete usa para avaliar o resultado de seu trabalho.

Com todos os comentários sobre a necessidade de estudos, é importante destacar que a interpretação ainda é uma área incipiente em pesquisas de campo e não há tanto material em geral relacionado à tarefa. A área de preparação especificamente foi muito pouco estudada de maneira sistemática.

Mesmo não assegurando por si só um bom desempenho, a preparação sempre auxiliará o intérprete a atingir o melhor resultado possível. Este estudo prévio ao evento ajudará o intérprete a realizar o seu trabalho com o mínimo de surpresas e desta maneira ele poupará energia para lidar com todas as variáveis que compõem sua atividade, facilitando atingir níveis de atuação mais satisfatórios. Apesar de variar em forma e métodos, em função da experiência profissional, a preparação é essencial

para todos – novatos e veteranos no mercado profissional - e é uma prática que não pode ser negligenciada, independente da experiência que o profissional possua. Deve ser a mais abrangente possível, conforme o assunto e o tempo que o intérprete possua para realizá-la.

A preparação é um recurso extremamente valioso para o intérprete. Ela tem a função de situar o intérprete no contexto no qual vai trabalhar e proporciona uma base controlada por ele mesmo, para que consiga lidar com todos os outros fatores que não estão sob o seu controle. Mais que uma obrigação, o intérprete deve enxergar a preparação como sua melhor amiga na profissão e por isso deve se esforçar para descobrir o melhor método para executar esta função com qualidade e eficiência, de modo a lhe proporcionar o melhor desempenho durante o exercício do evento de interpretação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AÍS, Angela Collados **La comunicación no verbal y la didáctica de la interpretación.** Disponível em <http://interpreters.free.fr/reading/paralinguisticinfluenceonmeaning.pdf> acesso em 19 mar. 2011. 86 p.

CHOI, Jungwha. **Qualité et preparation de l'interprétation. Évolution des modes de préparation et rôle de L'Internet.** Meta: Translators' Journal, Volume 50, número 4, décembre 2005. Disponível em: <http://id.erudit.org/iderudit/019862ar> Acesso em: 14 fev. 2011

GILE, Daniel. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training.** Revised edition. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins Publishing Company. 2009. 283p.

HERBERT, Jean. **The interpreter's handbook: how to become a conference interpreter.** Genève: Librairie de L'Université. GEORG & Cie S.A. 1952. 113p.

JONES, Roderick. **Conference Interpreting Explained.** 2nd edition. Manchester: St. Jerome Publishing. 2002. 142 p.

KAHANE, Eduardo. **Thoughts on the Quality of Interpretation.** 2000. Disponível em <http://www.aiic.net/ViewPage.cfm/article117.htm> acesso em 9 abril 2011.

Practical Guide for Professional Conference Interpreters. Disponível em <http://www.aiic.net/ViewPage.cfm/page628.htm> acesso em 18 fev. 2011.

TAYLOR-BOULADON, Valerie. **Conference Interpreting: principles and practice.** 2nd edition. Rotterdam: Museum Boijmans Van Beuningen, 2007. 323p.

Apêndice 1: Questionário

PERFIL DO RESPONDENTE:

SEXO: () masculino () feminino

IDADE: () entre 20 e 25 anos () entre 25 e 30 anos () entre 30 e 40 anos
() entre 40 e 50 anos () entre 50 e 60 anos () maior de 60 anos

FORMAÇÃO:

Curso de Graduação - Área: _____ Ano de Conclusão: _____
Instituição: _____

Curso de Pós-Graduação

() Especialização () Mestrado () Doutorado

Área: _____ Ano de Conclusão: _____

Instituição: _____

() Especialização () Mestrado () Doutorado

Área: _____ Ano de Conclusão: _____

Instituição: _____

FORMAÇÃO ESPECÍFICA EM INTERPRETAÇÃO:

Fez algum tipo de curso/treinamento sistemático com foco em interpretação simultânea e/ou consecutiva? () sim () não. Em caso positivo, especificar instituição, duração e ano de conclusão (caso não tenha assinalado estes dados nos espaços acima).

TEMPO DE EXERCÍCIO COMO INTÉRPRETE PROFISSIONAL:

Responda às perguntas abaixo com base na sua experiência. As suas informações serão muito valiosas.

1. Na sua opinião, o que é um intérprete preparado?

Esta definição pode incluir aspectos além da preparação para o evento específico?

2. Considera importante investir em suas línguas de trabalho?

() Não, porque as mantenho na medida em que estou trabalhando com elas.

() Sim. E faço isso através de (*marque somente 3 – ou marque somente as mais frequentes*):

() Leitura (livros, jornais, periódicos)

- Mídia audiovisual (filmes, música, podcasts)
- Contato com nativos da língua (em situações informais)
- Viagens para o exterior
- Cursos e aulas particulares

Crê que isso faz parte da preparação?

3. **Tente se lembrar do início de sua atuação profissional como intérprete. Como você se preparava para os eventos?**
4. **Como você se prepara para os eventos atualmente?**
5. **Quais são suas fontes de pesquisa para preparação para conferências? Numere de 1 a 5, em ordem decrecente de importância – isto é, 1 é mais importante e 5 é menos importante.**
 - Glossários próprios Glossários recebidos *de colegas* Internet
 - Dicionários técnicos Consulta a especialistas da área
 - Enciclopédias Outros:
6. **Ao consultar a internet, você dá mais ênfase a buscar:**
 - Informações específicas sobre o assunto Glossários (prontos) sobre o tema
 - Informações específicas sobre o orador Outros:
7. **Como desenvolveu o seu jeito de se preparar? Aprendeu com alguém?**
8. **Quando está se preparando para uma conferência, o que faz mais intensamente?**
 - Procuo informações gerais sobre o assunto.
 - Procuo a terminologia específica.
9. **Leia a seguinte citação.**

“Parece haver um consenso geral entre os intérpretes de conferência em relação aos métodos de preparação, exceto em uma questão básica, que é relevante principalmente para a preparação com antecedência: alguns crêem que a aquisição de conhecimento prévio deve se concentrar no conhecimento extralinguístico, enquanto outros pensam que a prioridade deve ser a preparação da terminologia... Na vida real, por observação pessoal, minha impressão é que até defensores da primeira abordagem (concentrar-se nas informações gerais sobre o assunto e gradualmente chegar ao assunto específico daquela conferência) lidam com a terminologia primeiro.”

Em relação à afirmação acima, você

concorda que a aquisição de conhecimento extralinguístico é prioritária na preparação para um evento.

concorda que a prioridade na preparação para um evento deve ser a preparação da terminologia.

concorda que a prioridade na preparação para um evento é ampliar o conhecimento sobre o assunto, mas sempre acaba se concentrando primeiro na terminologia do evento.

concorda que a prioridade é estudar a terminologia específica do evento, mas prefere começar estudando o assunto do evento para ampliar o seu conhecimento.

10. Você acredita que receber o material específico da conferência

(apresentações/textos do orador) com antecedência é condição *sine qua non* para a preparação do intérprete?

Sim Não Por quê?

11. Com qual proximidade do evento a preparação deve ser realizada?

assim que receber a confirmação

na semana do evento

um dia antes

depende do tema do evento. Por quê?

Outro. Especificar:

12. Explícite a relação entre a preparação para o evento e seu desempenho.

Em que medida a preparação é mais ou menos responsável pelo resultado de sua interpretação no evento? Há outros fatores importantes, além da preparação, que interferem no seu desempenho?